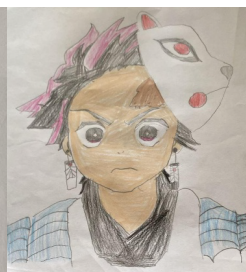
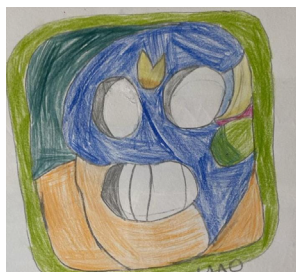


Veze e voz às crianças!



Miguel de Oliveira Lira, 9 anos – Osasco – SP.

EDITORIAL

A PEDAGOGIA DA SERVIDÃO E A URGÊNCIA DA PRÁXIS COOPERADA: UMA CRÍTICA À RAZÃO ESCOLAR HEGEMÔNICA

Por Adriana Pastorello Buim Arena

A educação contemporânea não é um campo neutro de transmissão de saberes, mas um aparato sofisticado de reprodução da servidão voluntária. Ao analisarmos as políticas implementadas por governos de direita, em diferentes estados da nação, emerge uma clareza cortante: o modelo atual de ensino não falha por imperfeição, mas triunfa ao cumprir sua função de manter as relações servis que sustentam o capital. Como professoras e professores, é preciso denunciar que o sistema forma professores para serem reprodutores de uma ordem que os oprime.

A escola tradicional não é um erro de percurso, mas o resultado lógico de relações sociais baseadas na obediência. Não basta trocar o conteúdo se a forma do ensino continuar a adestrar corpos e mentes para a passividade produtiva.

Qual a saída? As propostas pedagógicas contra-hegemônicas!!!

A emancipação nunca virá de reformas vindas de cima, mas da formação autocooperada. Se nos unirmos em prol da nossa própria formação, escolhendo o que estudar e como estudar e analisar os casos presentes nas nossas escolas, inverteremos a lógica estabelecida e provocaremos uma ruptura epistemológica do saber ensinar. Para revolucionar a sala

de aula é preciso, paradoxalmente, desfazer-se da escola que nos produziu, dos métodos que nos ensinaram afirmando serem eficazes. Isso é tarefa difícil, não se faz isoladamente, mas em um processo coletivo de autocrítica pedagógica que identifique onde, em nossa prática, ainda ecoam as vozes da repetição.

Neste boletim, temos um exemplo claro de como uma proposta pedagógica humanizada porque vinculada à vida, pode transformar o ensino da repetição e domesticação em aprendizagem fincada na existência dos sujeitos. A introdução da correspondência escolar freinetiana não deve ser vista como mera metodologia didática, mas como uma ferramenta de contra-hegemonia. Ao estabelecermos redes de diálogo que extravasam os muros da escola, quebramos o isolamento imposto pelas plataformas, desarmamos a arapuca da sala de aula pseudodigital.

É pouco a pouco que se inicia nova sociabilidade. A aprendizagem deixa de ser uma acumulação individualista de créditos para se tornar um processo de desenvolvimento coletivo, porque o conhecimento circula como energia de vida, e não como moeda de troca. A revolução escolar começa quando o professor deixa de ser o algoz de si mesmo e passa a ser o arquiteto de circuitos de liberdade.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

CORRESPONDÊNCIA ESCOLAR: A ESCOLA ABERTA AO MUNDO

Por Adriana Pastorello Buim Arena

A Pedagogia Freinet nasceu e se desenvolveu no território europeu, especificamente na França, em uma cidadezinha chamada Bar-sur-Loup, por um casal de professores, Élise e Célestin Freinet. Preocupados com a formação de cidadãos capazes de evitar guerras, retrocessos humanitários, construir uma sociedade mais justa, propuseram a reinvenção da escola por meio de atividades que priorizassem a expressão livre e a vida em comunidade.

A Pedagogia Freinet, mais do que um arcabouço teórico-prático, consolidou-se globalmente como um movimento de professores emancipadores. Esse movimento, também criado pelo casal ao fundar uma cooperativa de professores, rompeu com os mecanismos sistemáticos e arbitrários da escrita tradicional, porque defendiam que a linguagem é um corpo vivo cujas palavras devem estar carregadas de sentido e conectadas aos desejos e aos pensamentos das crianças. Na base desta pedagogia está a premissa de que a escrita não é um mecanismo montado sistematicamente ou baseado em regras gramaticais arbitrárias, assim como os livros didáticos e as plataformas digitais querem nos convencer. A linguagem escrita ganha vida como enunciado concreto quando está mergulhada em sua função social.

Isso passa, necessariamente, pela revisão de métodos. Analisaremos aqui como o texto livre, a imprensa e a correspondência escolar permitem que a criança desenvolva a escrita de forma plena e autêntica nas relações humanas. Em vez de tomar como referências abstrações gramaticais, as técnicas freinetianas apostam no uso vivo da linguagem. Nelas, a gramática não é o ponto de partida, mas uma descoberta que emerge do desejo de trocar com o outro, transformando a palavra em instrumento dialético de expressão e de vida. Em seus escritos, Freinet (1978, p. 20) declara de maneira enfática como compreende a natureza da linguagem escrita:

Sem querer desagradar a todos os especialistas, teóricos e práticos da escrita, a linguagem não é um mecanismo que se monta sistematicamente. Ela é um corpo vivo. As palavras tomam, antes de mais nada, a sua forma, não segundo a etimologia ou regras forjadas arbitrariamente pelos pedagogos, mas segundo o seu emprego na frase, por assim dizer, o seu sentido dialético, as suas ressonâncias recíprocas, as ligações que se estabelecem entre os elementos do pensamento e da ação. É porque na aprendizagem das línguas as palavras estão sempre carregadas de sentido e de vida e os mecanismos nunca funcionam vazios de forma que o êxito é total, sem qualquer dos dramas que acompanham a aprendizagem da língua escrita nas escolas.

Sob essa concepção de linguagem, Freinet propõe uma escola sem livros didáticos ou plataformas digitais, como se faz atualmente. No lugar deles, a escrita manifesta-se pelo texto livre, instrumento consolidado na práxis. Partindo da premissa de que as crianças possuem voz autêntica, com forma e estilo próprios, a prática cotidiana do texto livre permite que elas dominem a composição de diversos gêneros de modo orgânico.

Por meio da prática pedagógica cotidiana, elas aprendem a composição textual de forma natural. O caderno de textos livres é um espaço de liberdade: escreve quem quer, quando e onde desejar. A rotina escolar inicia-se com a leitura desses registros, seguida pela escolha de um texto para que a turma trabalhe, coletivamente, no melhoramento do enunciado, e, ao dedicar-se ao seu aperfeiçoamento, transformam o enunciado concreto em objeto de estudo e aprendizado linguístico.

Embora o espaço de criação fosse assegurado às crianças, a produção isolada não bastava para sustentar o desejo contínuo pela escrita. Os enunciados restritos ao ambiente escolar, registrados no *Livro da Vida*, atingiram um ápice de interesse, mas a atividade gradualmente perdeu seu vigor. Freinet

compreendeu que era necessário conferir a essas produções o status de textos reais, capazes de circular socialmente para alcançar um público leitor específico. Foi sob essa premissa que a imprensa adentrou a sala de aula em Bar-sur-Loup. Com uma prensa manual, as crianças assumiram o papel de tipógrafos. A publicação dos textos exigia a perfeição da escrita ortográfica, guiada não pelo som, mas pela organização metódica dos tipos e caracteres que dão forma à nossa escrita ocidental.

A práxis demonstrou que, embora escrever e publicar textos livres fosse um avanço, ainda era necessário algo mais para sustentar o exercício constante da livre expressão. Foi nesse cenário que a correspondência escolar ganhou vida como instrumento pedagógico fundamental. A escrita exige interlocução! Era preciso que alguém lesse, comentasse e trocasse produções.

Freinet iniciou a troca de correspondências entre sua turma no sul e alunos de um colega na Bretanha, ao norte. Entre regiões tão distintas, havia um universo a ser compartilhado. Filmes, músicas, livros literários, relatórios científicos, objetos, alimentos, jornal escolar, e até alimentos eram trocados. A sala de aula transformou-se em um local de trabalho criativo e produtivo, enquanto a correspondência estabelecia um vasto intercâmbio cultural entre as crianças e a distância atuava como combustível para a curiosidade. Saber que suas produções tinham destinatários reais transformou a escrita em uma necessidade vital. Freinet (1974, p. 125-126) descreve com emoção como essa prática foi o ingrediente definitivo para manter acesa a chama da expressão infantil:

A chegada destas encomendas desperta nas nossas aulas um entusiasmo indescritível. Nenhum acontecimento pedagógico consegue atingir igual animação. É necessário ter vivido tais momentos para compreender todo o sentido desta afirmação. São cenas inesquecíveis. Passados trinta anos, ainda me recordo do dia em que recebemos dos nossos correspondentes de Trégone uma pequena encomenda postal que continha crepes bretões, finos como musselina, deliciosamente barrados de manteiga. Fez-se a partilha: três crepes a cada um, incluindo o professor, evidentemente. E se tivessem visto as crianças partir para suas casas, levando para os irmãos ou pais o resto do seu quinhão! À tarde, as crianças chegavam dizendo: “O meu pai diz que temos de lhes mandar

laranjas e figos”. Um dia recebeu-se uma encomenda de uma escola de Ardèche com castanhas que se puseram imediatamente a cozer no fogão. E os pequenos alunos da Escola Freinet que receberam, janeiro passado, enviadas pelos seus correspondentes do Marne, entre outras gulodices, duas garrafas do verdadeiro champagne! É agora fácil de compreender que a correspondência assim praticada traga na verdade um elemento novo à vida e ao trabalho da vossa classe.

A docência é uma tarefa de alta complexidade, que exige uma observação constante da própria prática para criar condições para a transformação pedagógica. No universo freinetiano, esses três instrumentos citados são indissociáveis, porque operam em um sistema de retroalimentação. A correspondência escolar somente se torna viável com a implementação prévia do texto livre e da imprensa. Freinet não aceitava passivamente as diretrizes oficiais sobre a alfabetização e o ensino da língua francesa; ele as questionava profundamente, colocava sob suspeita qualquer teoria que ignorasse a natureza semiótica e socialmente construída da linguagem, defendendo que a escrita é, acima de tudo, uma construção viva da comunidade. Freinet (1978, p. 13) afirmava:

Nossa experiência, hoje longa e decisiva, apenas demonstra que se pode aprender a escrever perfeitamente sem conhecer as regras gramaticais. Se isso for verdade – e é essa a demonstração que aqui vamos fazer – a escola enganou-se no caminho ao colocar as regras da gramática como a base de estudo escolar da língua.

Inspirar-se em Freinet é abrir as portas para o intercâmbio entre diferentes regiões do país e, quem sabe, do mundo. O fundamental é que as crianças despertem a cada manhã motivadas a concluir o que iniciaram. Elas o fazem porque sabem que ocorre uma troca real de saberes.

Referências

FREINET, Célestin. *O método natural de gramática*. Porto: Dinalivro, 1978.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Estampa, 1974.

EU FAÇO ASSIM

CORRESPONDÊNCIA ESCOLAR: UM CAMINHO VIVO PARA A LEITURA E A ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO

Por Alana Cocato

Sou Alana, professora da rede pública de ensino, faço parte do Projeto de Pesquisa Científica “Práticas de Ensino do ato de ler e do ato de escrever de professores do 1º e 2º anos da Rede Pública Municipal de Educação de Londrina- PR”, da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Venho compartilhar uma experiência que tive com trocas de correspondências entre minha turma de 1º ano e uma turma de 2º ano do ensino fundamental, do Colégio de Aplicação da UFU (Universidade Federal de Uberlândia/MG).

Célestin Freinet (1896–1966) deu grande importância à troca de correspondência entre alunos como uma prática educativa fundamental. No processo de alfabetização, as crianças, por sua própria natureza, já são curiosas e possuem um ímpeto de descobrir o mundo, gostam de investigar, de fazer novas descobertas e de socializar suas experiências. Antes de iniciar a troca de correspondências, fiz diversas rodas de conversas, enquanto aguardávamos o nome da escola com a qual iríamos nos corresponder.

Realizei a proferição do livro *O carteiro chegou*, de Allan Ahlberg, e começamos a refletir como seria interessante nos corresponder com alunos de outra escola, de outra cidade, de um ambiente diferente do que tínhamos ali em nossa escola. Os alunos ficaram entusiasmados e logo afirmaram que seria muito legal fazer amigos por meio das cartas. Em outro momento, na roda de conversa, apresentei para os alunos somente o nome da cidade, estado e com qual turma iríamos trocar experiências escolares. A euforia tomou conta da sala de aula, os alunos vibraram e repetiram várias vezes o nome da cidade e estado com uma entonação encantadora.

Passado esse primeiro momento, perguntei se alguém já conhecia ou sabia algo sobre a cidade de Uberlândia e o estado de Minas Gerais. O silêncio pairou sobre as crianças, perceberam que nada sabiam, ainda, sobre os nossos novos amigos. Propus que, em casa, com auxílio da família, coletassem

informações importantes sobre Uberlândia-MG e realizassem o registro no caderno. Poderiam ilustrar algo que mais tivesse chamado a atenção. Na próxima roda de conversa, os alunos chegaram animados com tantas informações que haviam coletado. Cada aluno explanou sua pesquisa para o grupo e apresentou sua ilustração. Este momento de troca foi ótimo, um completava as curiosidades do outro e agregava mais conhecimento.

Partindo de todo esse interesse, fomos ampliar todas essas informações com auxílio da tecnologia. Usamos a televisão, o notebook e o aplicativo *Google Maps* para fazer uma aula passeio virtual pela cidade de Uberlândia. Visitamos o Colégio de Aplicação, seu entorno e os pontos turísticos que os alunos haviam pesquisado. Verificamos como poderíamos ir até Uberlândia (carro, avião, ônibus, a pé, de bicicleta), quanto tempo precisaríamos e o valor financeiro aproximado que investiríamos. Um aluno ficou empolgado com a informação sobre o baixo índice de desemprego. Relatou que gostaria que a família se mudasse para lá; outros ficaram curiosos ao ver que havia um shopping muito próximo ao colégio e queriam saber se os colegas frequentavam aquele espaço. Esse primeiro contato, embora virtualmente, com a cidade, espaços físicos, coletas de informações foi construído dando ênfase à autonomia dos alunos, participação ativa e cooperativa e à conexão entre o conhecimento escolar e a realidade cotidiana das crianças. Os alunos partiam sempre da realidade cotidiana de cada um para construir suas curiosidades sobre o cotidiano do outro. O processo de correspondência escolar foi uma janela aberta para o mundo, permitindo que a nossa turma e escola não ficassem isolados, mas conectadas com a vida real das crianças.

Todas as informações obtidas nesse processo nos trouxeram sentido e motivação para escrevermos cartas com autenticidade, pois tínhamos destinatários

verdadeiros, já sabíamos algumas informações, mas algumas hipóteses criadas precisavam ser validadas ou não. Iniciamos o processo de escrita da carta criando uma lista com os temas que iríamos abordar na correspondência. Essa seleção demandou diálogo e tempo, devido à diversidade de informações que já havíamos coletado.

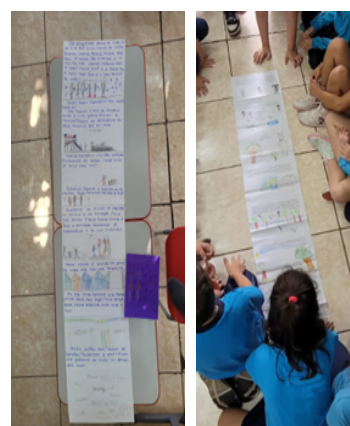
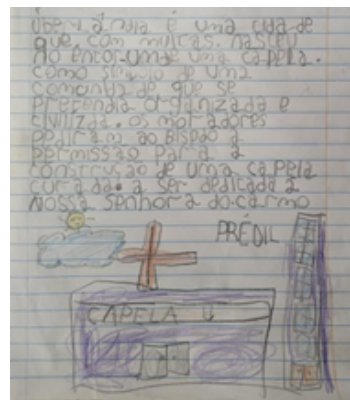
Seguimos para a escrita coletiva da carta na lousa. Foi um processo rico de troca; conversamos sobre os caracteres e sua importância para compreensão da escrita. Seleccionamos os itens que enviaríamos no envelope. Pessoalmente, escrevi o que disseram na folha oficial da nossa “carta de metro”, como eles a nomearam. Dividimos as ilustrações entre o grupo, e cada criança fez questão de registrar o nome e a sua assinatura, deixando a sua marca para os novos colegas. Após o envio da carta pelo correio, começamos a nova etapa de rastrear por onde estava passando nossa correspondência até chegar às mãos dos amigos de Uberlândia.

Diariamente, durante todos os períodos de espera, os alunos traziam informações sobre a cidade, curiosidades e até mesmo eventos que estavam acontecendo por lá. A famílias relatavam que gostariam de poder levá-los para conhecer pessoalmente a cidade, a empolgação dos alunos ultrapassou os muros da escola. A professora correspondente enviou uma foto com a nossa carta. A nossa espera mudou de fase, passamos a aguardar a resposta. Passado o tempo, a correspondência chegou até a nossa escola, e a secretária foi até a nossa sala entregá-la. As crianças gritavam empolgadíssimas “é Uberlândia”, parecia uma torcida de jogo de futebol. Passada a euforia inicial, deixamos tudo o que estávamos fazendo e nos sentamos em roda para descobrir, tatear aquilo que esperávamos tanto. A primeira observação foi sobre o envelope bonito, escrito com letras impressas. Expliquei que era um envelope oficial daquele colégio e que todos os documentos importantes eram enviados em um envelope como aquele.

Outro ponto elencado foi a carta digitada no mesmo formato de “metro” como havíamos enviado. E antes mesmo da leitura, foram direto para as assinaturas, leram os nomes e procuraram nomes similares aos da nossa turma. Os nomes foram registrados individualmente, acharam esse gesto muito carinhoso. Em seguida, cada aluno leu um pedaço

da carta, pediram que eu repetisse a leitura e relese a carta pela segunda vez. Assim todos foram para casa extasiados.

No dia seguinte, a aula começou com a preocupação de que precisávamos responder logo aquela correspondência, visto que o período de férias estava próximo. Reiniciamos nosso processo de troca. Lemos a carta novamente, fizemos uma lista com as informações que haviam nos deixado curiosos e decidimos quais novas informações colocaríamos na carta. Realizamos a escrita coletiva na lousa, conversamos sobre a escolha dos caracteres, e escrevi diante deles na folha oficial da “carta de metro”. Todos a ilustraram e a assinaram com muito carinho. Ao final de todo o processo, ficou evidente que a situação real de troca de correspondência criou necessidades reais de atos de escrever e de atos de ler em que o diálogo esteve no centro das atenções. As cartas foram uma forma de as crianças expressarem suas ideias, emoções e opiniões, desenvolvendo autonomia e voz própria. O intercâmbio cultural e social permitiu que os alunos trocassem experiências, costumes, modos de vida, aprendessem a valorizar a diversidade, expressassem suas ideias, emoções, opiniões e desenvolvessem autonomia e voz própria.



Fonte: arquivo pessoal.

MURAL

DIÁLOGO COM OS LEITORES

Os conteúdos desenvolvidos no NAHum, embora voltados a professoras alfabetizadoras, têm contribuído de forma expressiva para as aulas no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, ao aprofundarem a compreensão dos estudantes sobre princípios e metodologias da Alfabetização Humanizadora. Na aula de 26/02/2026, conceitos como *consciência gráfica*, bem como o uso de caracteres, *Descoberta e Retorno ao Texto*, foram analisados criticamente, favorecendo a articulação entre teoria e prática, superando abordagens mecanicistas ainda recorrentes nas instituições educativas. As discussões evidenciaram participação ativa dos graduandos, análise de propostas pedagógicas e reflexão sobre a mediação docente, reafirmando a importância de integrar debates contemporâneos sobre alfabetização à formação inicial.

Professora *Fernanda Duarte Araújo Silva*
Universidade Federal de Uberlândia



LEITURA NA RODA

Olhe pela Janela, de Katerina Gorelik, com tradução de Gilda Aquina e publicado pela Brinque-Book, é um convite sensível para reaprender a ver o mundo a partir de pequenos enquadramentos do cotidiano: a cada página, a janela se transforma em passagem para a imaginação, promovendo a curiosidade, a leitura de imagens e a construção de sentidos de forma delicada e poética. Com ilustrações expressivas e narrativa visual envolvente, o livro acolhe o olhar infantil e amplia o repertório simbólico, tornando-se uma experiência estética que favorece conversas sobre interpretação, inferência e formação de leitores.



FIQUE ATENTO

Se você deseja aprofundar seus conhecimentos sobre *Descoberta de Texto*, os Boletins do NAHum reúnem um conjunto consistente de reflexões teóricas e proposições didáticas que exploram esse campo em diferentes perspectivas. São mais de 30 edições que articulam produção acadêmica e experiência docente, construídas em diálogo entre pesquisadores(as) universitários(as) e professoras da Educação Básica, com foco em possibilidades concretas de trabalho pedagógico. Para acessar esse material, basta visitar o site: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim/> e explorar as diversas contribuições disponíveis.

Aproveite a oportunidade!